

ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

— C D O —

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio Jose de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 25 de dezembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 130—Anno III



O Nascimento do Redemptor

HA um anno! N'este mesmo logar a chronica tinha por titulo *Natal vermelho*. Ha um anno! Como hoje, ouvia-se por essa Europa o crugir dos corvos, n'um halo negro, sobre os acampamentos do fim das batalhas, a neve branca e pura cahia silenciosamente sobre as trincheiras ensanguentadas, no ar os lamentos de milhões atroavam, e erguia-se na terra do velho continente o monumento pezado da horrifica hecatombe e lá de longe, do palacio que Bramante ideou a voz clemente e chorosa do Vigario de Christo repetia exorante o *amae-vos uns aos outros* do Evangelho!

Um anno! E a fome continua a apertar na mão esqueletica as gargantas do povo; e a raiva furiosa prosegue a sua marcha de onda rugidora, derruindo, abalando, revolviendo e matando; de novo o Pontífice ergue seus brados implorando a paz, esposa de Jesus, a néve estende-se sobre planuras e montanhas como sudario onde corresse um fio de sangue ainda quente; e nos horisontes longinuos do mundo as mesmas nuvens fôrvas sobrecarregam os ares, como de uma noite infinita viesse subindo lentamente para cobrir o theatro da morte com o lucto da escuridão...



Nascimento de Jesus

de Pedro Paulo Rubens, quadro 2077 do museu do Louvre—Paris

(Phot. de Bento Rodrigues)

Natal vermelho ainda! Os lares estão desertos. Anda a morte batendo ás portas para accordar na memoria de todos as imagens dos que não voltaram. Quem sabe se os canhões trarão mais fortes e n'este mesmo dia que de esperança devêra sêr, muitos hão-de cair para sempre!

Penso que ha-de ser difficil encontrar na historia do mundo um Natal tão triste como este. E' de notar, porem, que esta tristeza subjugou a todas as nações, algumas arrazadas pela guerra (o que será o Natal dos belgas)? outras arruinadas pela fome, outras ainda affligidas pelos proprios

males, fornados maiores em face do negro quadro que os rodeia.

Ainda hoje me dizia alguém, repassando todas as recordações do que temos soffrido em Portugal:

— Como foram felizes os que morreram ao começar a decadencia!



Adoração dos reis Magos

Invencivelmente, nos accode então a ideia de que, faltando na terra todos os risos da esperança, só para o céu podemos apellar. Sente-se muito intimamente a doce paz que o Redemptor trouxe consigo ao mundo e a tranquillidade dos templos attrahe-nos como um regaço de mãe ou de esposa aonde buscássemos descansar a fronte cheia de cansaço e de pezadillos monstruosos. Todos os quadros emocionantes dos velhos Nataes da nos-a infancia surgem-nos illuminados á luz d'um luar claro e brando.

A alegria das noites d-festa, na pequenina sala de jantar cheia de luzes, quente de affagos, ecoa ainda dentro do nosso coração. Parecem levantar-se deante de nós, sorrindo, as figuras dos nossos mortos muito amados, os nossos ouvidos sentem, sob um mysterioso poder de evocação, o som disperso d'algumas phrases que elles nos disseram...

Ah! e longe de tudo o que nos rodeia, longe de tudo o que faz succumbir, o que faz chorar de magua e rouba ao coração o ultimo sonho, nós procuramos reconstruir para comnosco mesmos, muito intimamente aquelle pequenino mundo aparte onde nascemos, onde a ideia christã dominava, fortalecendo o amor do lar, dando um cunho sagrado ás benções de nossos paes lançadas sobre nós depois de terminada a ceia, rezarmos ante o crucifixo pelos pobres pelos nossos inimigos, pelos doentes, pelos que andam perdidos por sobre as aguas do mar...

Visiona-se então a diversidade dos tempos de hontem e de hoje. A tradição e o passado fallam mais alto em nós. A ambos pedimos o refugio que andamos debalde procurando. ... Como devia ser bella, meus amigos, aquella noite em que deante de humildes pastores, se fez ouvir do céu aquelle brado: *Gloria a Deus, nas Alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!*

F. V.

Natal de dôr



Ao dr. Correia Pinto



UMA ruga do pendor da serra, quasi ao acharar dos declives, a aldeia dir-se-hia a repousar. A neblina acinzeirava a paysagem e a lua baça, amortecida passava e repassava como disco rolando, por entre as sombras das arvores despidas.

Mais destacada das outras, uma pobre cabana, vergada sob o colmado que varios pedregulhos defendiam dos ventos da montanha—por aquelle dezembro, Santo Deus! cheio de neve!—era como a sentinella perdida da aldeia, no caminho tortuoso e esconso da fronteira, n'aquella Beira Baixa medonha, rôta segura dos contrabandistas e da ladroagem brutal que aproveitava logo as primeiras nevadas e as chuvas inclementes para aventurar-se, como os lobos, á rapina barbara dos povoados na miseria...

Por entre as rechas estreitas das pranchas mal cortadas do casebre, coavam-se os fios do clarão rubro de um brazido. E tudo era silencio em redor...

Lá dentro um vulto de mulher dobra-se sobre as brazas, a cujo clarão podem divisar-se as linhas de um rosto, magro e pallido, uns olhos vivos a devassarem a sombra das arcadas, os labios rasgados como o traço de um golpe, e a completar-lhe as feições, um nariz fino que dava ao perfil um tom de energia e soffrimento singulares. A seu lado um berço vazio...

A revezes, um suspiro d'ella apenas perturbava a calma do luar, o peito arfava-lhe, as suas mãos crispavam-se-lhe mais e mais como em supplica, e uma lagrima vinha cahir-lhe no regaço. Depois, erguia-se, circumvagava os olhos e ao encontrarem o berço elles desciam de novo com as lagrimas.

Quando as brazas se foram apagando, em tremulos vasquejos, ella veio abrir o unico postigo da cabana e ali ficou a olhar, a olhar por longo tempo a paisagem albescente de neve e de luar, sem se importar com o frio e com o vento, silenciosa no meio do silencio das coisas em redor...

*

Longe d'alli, no limiar dos pinheiraes, aquella hora altissima da noite, afastando com as mãos as urzes, saccudindo de quando em quando a neve do fato e do chapéu, como em busca de caminho, um homem vinha caminhando, ora apressado ora em cautos passos, olhando sempre para o fundo do valle onde a aldeia parecia dormir. Era alto, robusto, face bronzeada, e novo ainda, um rapagão desempenado em cujos olhos e gestos se lia a lealdade, a coragem e a audacia.

Assim veio até ao caminho da aldeia e

por elle fóra, rente com o vallado da direita a cuja sombra se encobria, seguiu por espaço de meia hora.

Subito, uma badalada echoou, timbrada, e ressoante.

— Que horas serão?

E calculando a altura do luar:

Onze e meia talvez... murmurou, reencelando a marcha.

Na curva que o caminho faz para desviar-se d'uns penedos enormes, o homem parou outra vez. Pé ante pé, collando o corpo aos penhascos, deslisou té avistar ao fundo, ladeando o caminho, o casario da sua terra e á frente de todas as outras, a cabana...

Então de um salto atravessou o caminho, transpoz o vallado da esquerda e de arvore em arvore, rapidamente, veio approximar-se...



A fugida para o Egypto

— Maria! chamou elle em baixa voz.

Ella não o vira, voltada como estava, ao postigo, sito na cabana, para a banda do luar.

— Maria!

Um arripio tornou mais branco o rosto d'ella, ao ouvir tão perto aquella voz. Seria um sonho? Elle, o foragido alli?

— Abre!

Correu para o fundo da cabana, levantou a aldrava e ao lançar-se para fóra, o peito em ancia, sentiu-se entre dois braços, estreitando-a de encontro ao peito, e beijada na fronte por uns labios em febre...

— E eu queria tanto que viesses!

— ... e resolvi-me. Hontem pedi a um pastor, que me guiasse até á fronteira. Esperei a noite furtei-me aos guardas, e passei.

— Com tanta néve, Jesus! Com tanto frio!



— ... Andava aferrado ha muito a esta ideia. . . Depois, a morte do nosso filhinho não me sahia do coração, Maria! Quantas vezes, quantas me lembrei de vir por'hi abaixo, de noite ao cemiterio. Trazia nos ouvidos os pequeninos gritos d'elle e recordando o que sonhava quando o segurava nos braços, parecia-me que um nó me apertava a garganta, era como um desespêro, tudo, dentro de mim. . . não sei. . .

Maria, tomára-lhe uma das mãos, e olhando-o e escutando-o chorava silenciosamente, consoladoramente como se as palavras do marido lhe arrancassem do peito uma compressão abafadora.

— Dêse que parti, nunca tive um momento de paz nem de alegria. . .

— É innocente como estavas e estás. . . Quando acabará isto, meu Deus!

Ah! juro-te! Quando o maláram na serra, eu não estava com os creados d'elle. Tu sabes. Cheguei pouco antes de se receber a noticia na aldeia. Quando entrei em casa, de nada sabia. . . Matal'o, eu! Porquê? Se elle me estimava! E dizer-se que todos á uma me apontáram como sendo o assassino! Ah, Maria! que se não houvesse a justiça de Deus, desesperava. . .

— Has de voltar, Manoel. O peor é que até lá. . .

— N'aquella noite em que fugi, com o horror do degraço deante dos olhos, no alto da serra, parei. . . vi cá em baixo a nossa casinha, pensei em ti, no nosso filhinho, no pão que te faltaria e que eu, só eu podia ganhar—sabes? e puz-me a lembrar se seria melhor não fugir. . . A minha innocencia havia de mostrar se, de provar-se. . . Mas depois chegou ás corredeiras aquelle rapazito com o teu recado: — que fugisse, que os cabos tinham já remexido toda a casa. . . e tornei a partir. Não ha justiça na terra, Maria, não ha. . . Na Hespanha ganhase pouco. Tenho tido dias de fome, e ás vezes veem-me ganas de entrar no contrabando, melhor. . . Se não fosse cá o sentimento de sêr homem honrado e sêr feio andar por ahi a monte, como os lobos, e estar innocente, não sei. . . fazia como os outros e acabava p'r'ahi um tiro na cabeça entre o mat.o. . .

— Manoel! não te afflijas. . . Has de voltar! Foi numa noite de Natal, assim, que tu partiste! Eu n'essa noite nem dormi. . . Fiquei ao pé do berço a chorar. . . Olha: eu não preciso, não te prendas commigo, o sr. abbade quando não tenho que comer — ainda hoje! — dá-me sempre um caldinho. Só o que me custa é que ninguem me falle senão com máu módo e se afastem de mim quando trabalho no campo, mas não faz mal. Tenho paciencia e sei que has de voltar. . . Mas é tão triste, não é?

Um jorro de luz branca veio illuminar o berço deserto. . . Elles fitaram-no longamente, entre soluços. . .

— Sabes, disse por fim Manoel, onde é a campa?

— Sei, é mesmo ao pé da de teu pae.

— Vamos lá?

— É se te veem. . .

Não vem. Vamos?

As suas mãos apertáram-se. . .

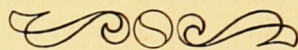
*

O cemiterio era razo de néve. . . O instincto paternal guiou-os até á campa do sonho desfeito. . . Beijaram a terra que encerrava o seu corpinho tenro e beijaram-se depois, afogando nos labios as ultimas palavras de uma *Ave-Maria*. . .

Perto, soáva a hora do Natal e os canticos do povo no templo. . .

Que Natal o nosso, Manoel! . . . Has de voltar, sim? Has de voltar. . .

F. D'ALMEIRIM.



FASTOS DO CATHOLICISMO



Léon Harmel

A guerra ha sido implacavel para com as novas figuras do catholicismo francês. Nem por isso a morte pára de ceifar aquelles que a velhice amadoreceu. Leon Harmel, o patrão christão de Val-des Bois, é mais um que desaparece.

Leon Harmel não é uma figura desconhecida fora de França. Bem ao contrario. Todos os que teem acompanhado a marcha progressiva da acção social catholica ouviram muito cedo pronunciar o nome do indefesso catholico, um dos primeiros, senão o primeiro a applicação pratica e escrupulosa dos principios promulgados pela *Rerum novarum*.

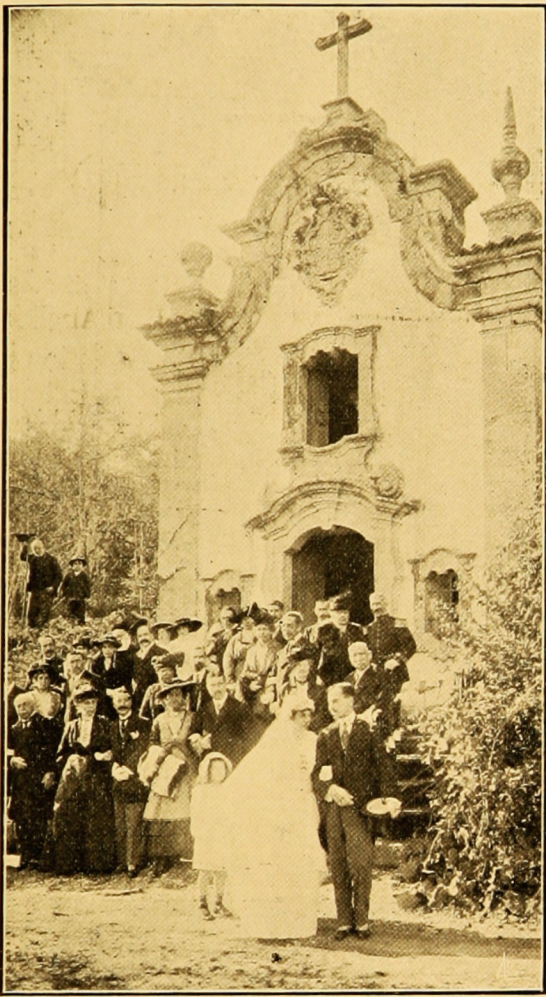
Animado de uma inexcedivel dedicação para com o Papa metteu hombros á regeneração da classe operaria e á obra da pacificação social, taes como as comprehendia o genial Leão XIII.

Val-des-Bois, hoje em poder dos allemães, foi o laboratoria das suas vastas experiencias, que resultaram fecundas e bellas. As suas organizações profissionaes e economicas que teem sido assumpto de mais de uma monographia, apoiam-se sobre a iniciativa operaria. É o methodo do apostolado operario nos meios operarios. O de Val-des Bois saudava em Leon Harmel o «bom pae».

Léon Harmel falleceu em Nice n'uma edade avançadissima, mas ainda com o ardor, o zelo, a fé militante de um joven, aquelle ardor e aquelle fé que o animaram na organização das grandes peregrinações operarias a Roma.

O *Osservatore Romano* rende homenagem ao grande catholico, a quem considera uma grande figura do catholicismo.

Casamento illustre



*Depois da cerimonia religiosa.
Os noivos sahindo da capella da casa da Corujeira*



Os noivos ao entrar em sua casa

No dia 20 de Novembro realisou-se na capella da casa e quinta de Corujeiras em Villa Nova das Infantes, concelho de Guimarães, o casamento do illustre fidalgo sr. D. João Cardoso de Noronha Freire d'Andrade, filho do sr. Augusto Eduardo Freire d'Andrade, já fallecido e da sr.^a D. Maria Christina de Noronha Menezes Mesquita Mello Portugal

(Prelada), com a sr.^a D. Thereza Maria de Menezes Pereira da Cunha, filha do sr. Antonio Luiz Cardoso de Menezes Barreto e da sr.^a D. Anna Maria do Carmo Pereira da Cunha de Magalhães e sobrinha do sr. José de Azevedo Menezes Cardoso Barreto, da casa do Vinhal, familias da mais alta nobreza.



*D. Thereza Maria de Menezes
Pereira da Cunha (Vinhal)*



*D. João Cardoso de Noronha
Freire d'Andrade (Prelada)*

OS NOIVOS



Um grupo de convidados para a cerimonia vendo-se entre elles os novos consortes



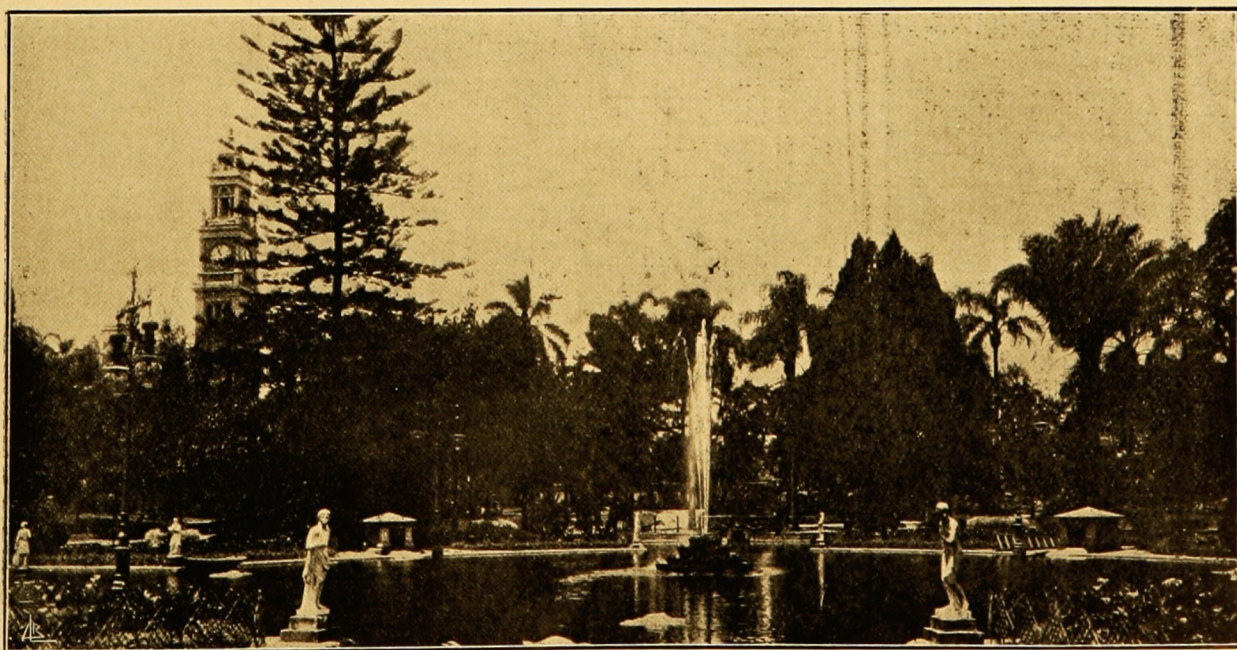
Corbeille dos noivos no salão de recepção da Casa da Corujeira



Reunião do Curso Theologico de Braga—1902-1915

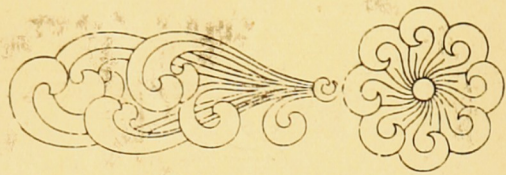
No dia 1 do corrente reuniu este Curso em um jantar de confraternização, no Grande Hotel do Parque. Antes d'esse jantar o mesmo curso assistiu a uma missa no templo do Seminario Conciliar, cumprimentando em seguida Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz.

S. PAULO—BRAZIL



Jardim da Luz



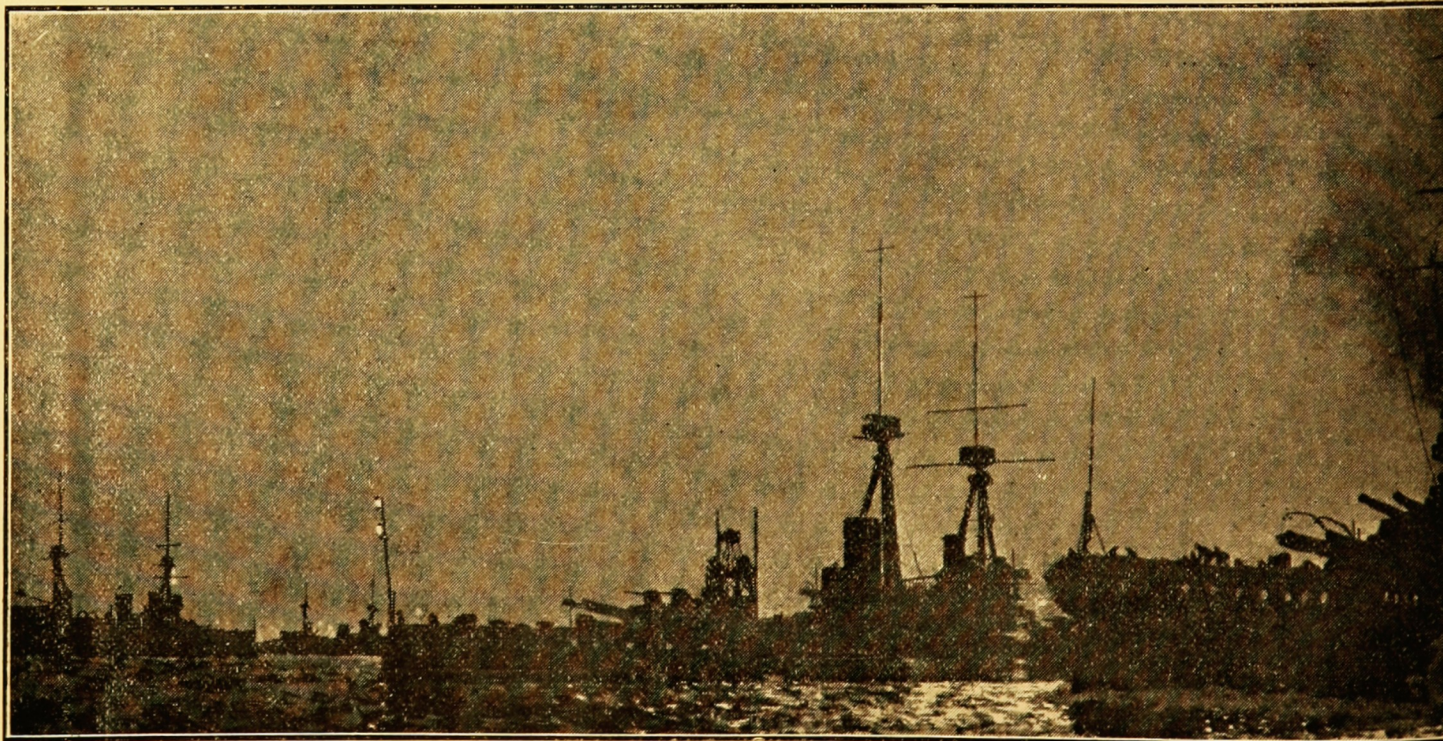


A Guerra

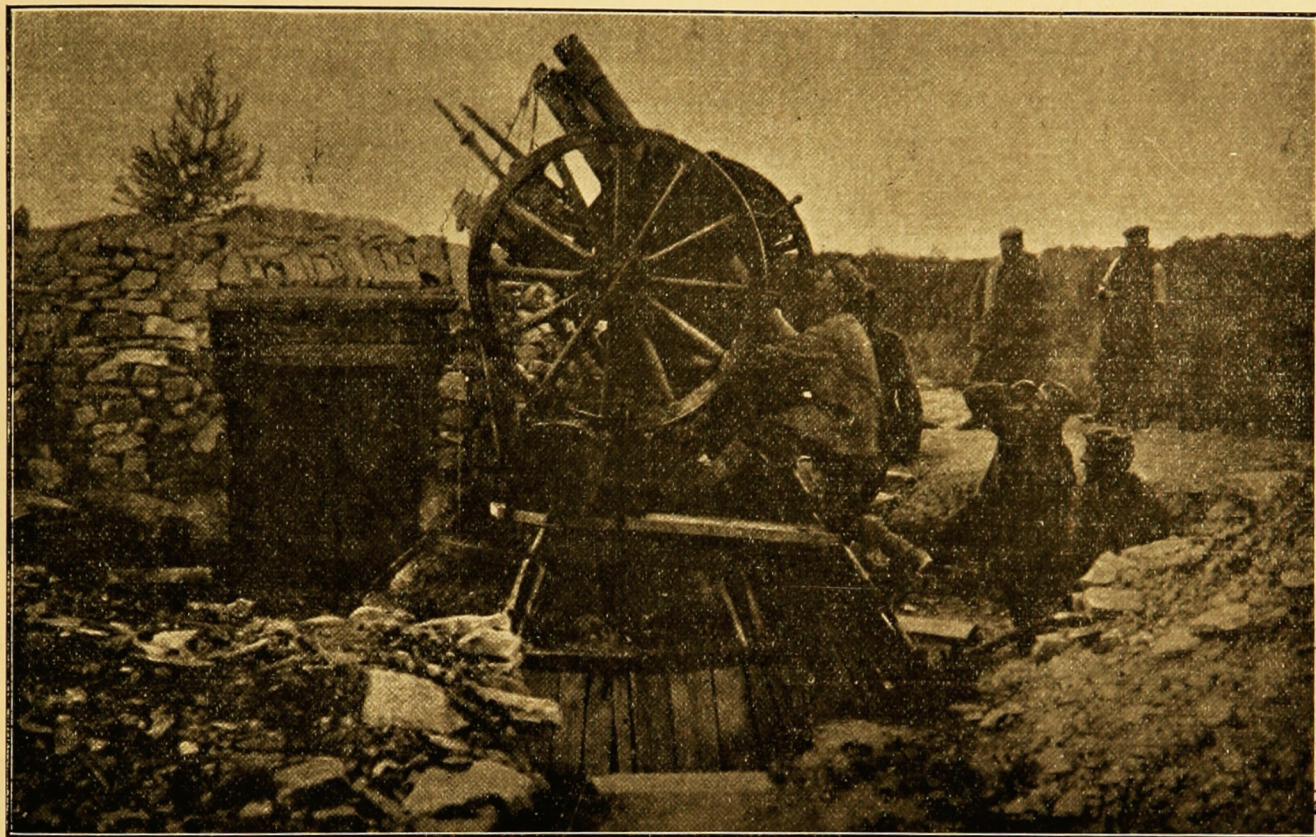
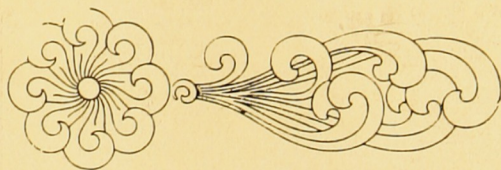


NA ALLEMANHA

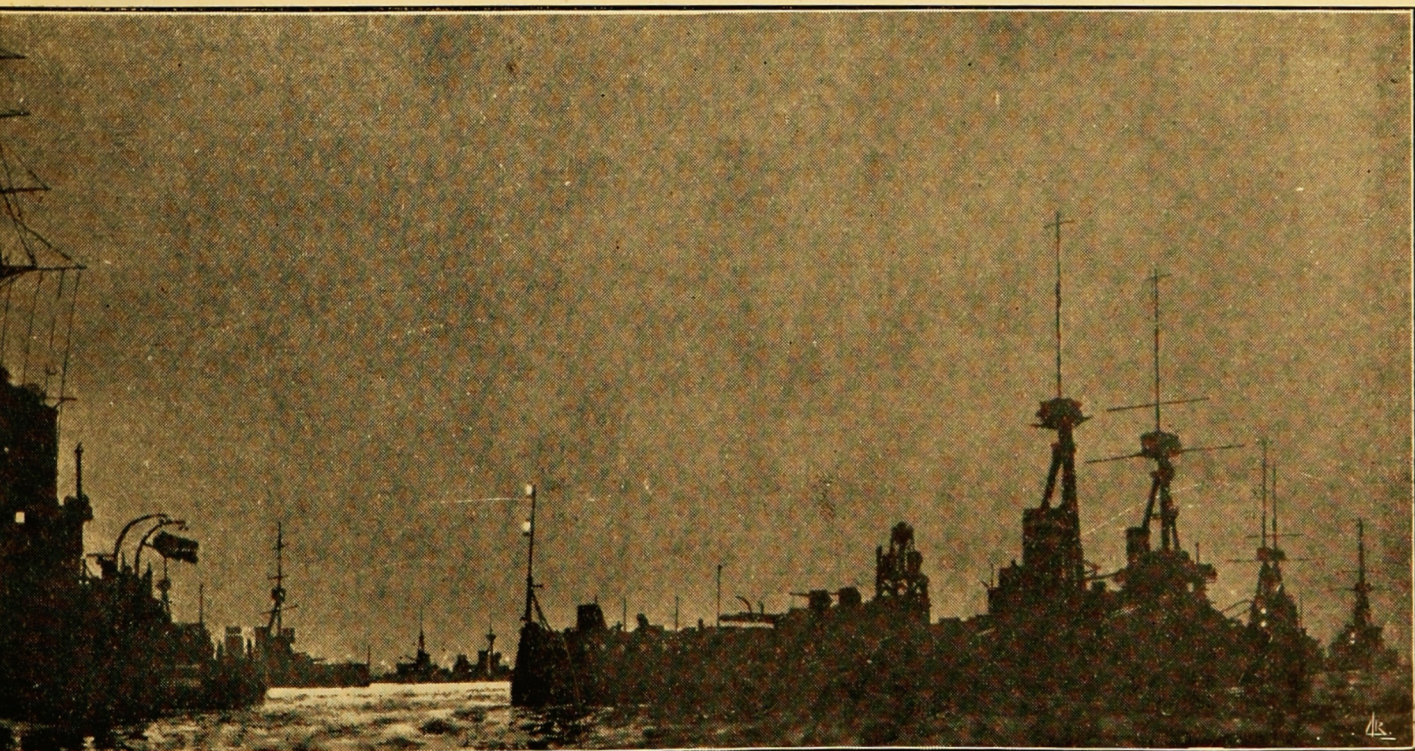
Os tripulantes d'um submarino saudando um barco de guerra á chegada ao porto



DE NOITE—Um grande vaso de guerra, saindo d'um porto
gravura por



Um canhão usado pelos alemães em campanha, para atacar os aeroplanos e foldar a atmosfera por meio de gases



estaleiro, com o signal de abrir caminho (indicado na signaes brancos)



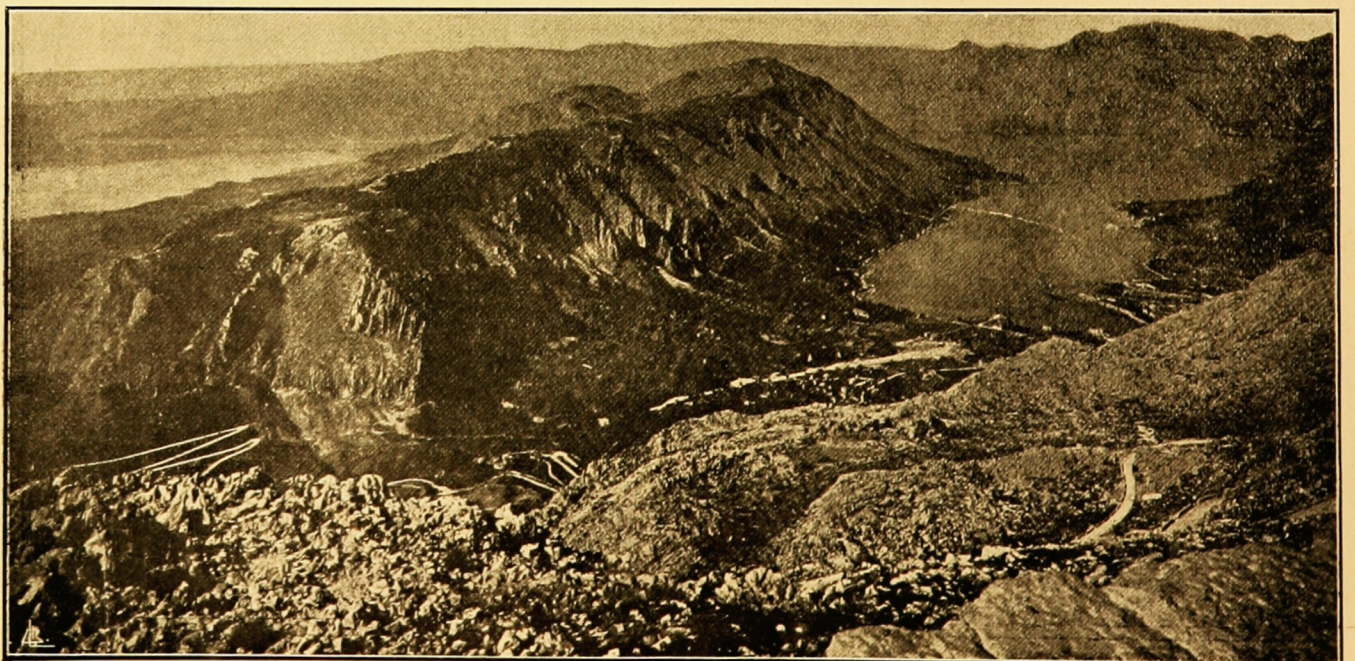
A GUERRA E' PARA TODOS

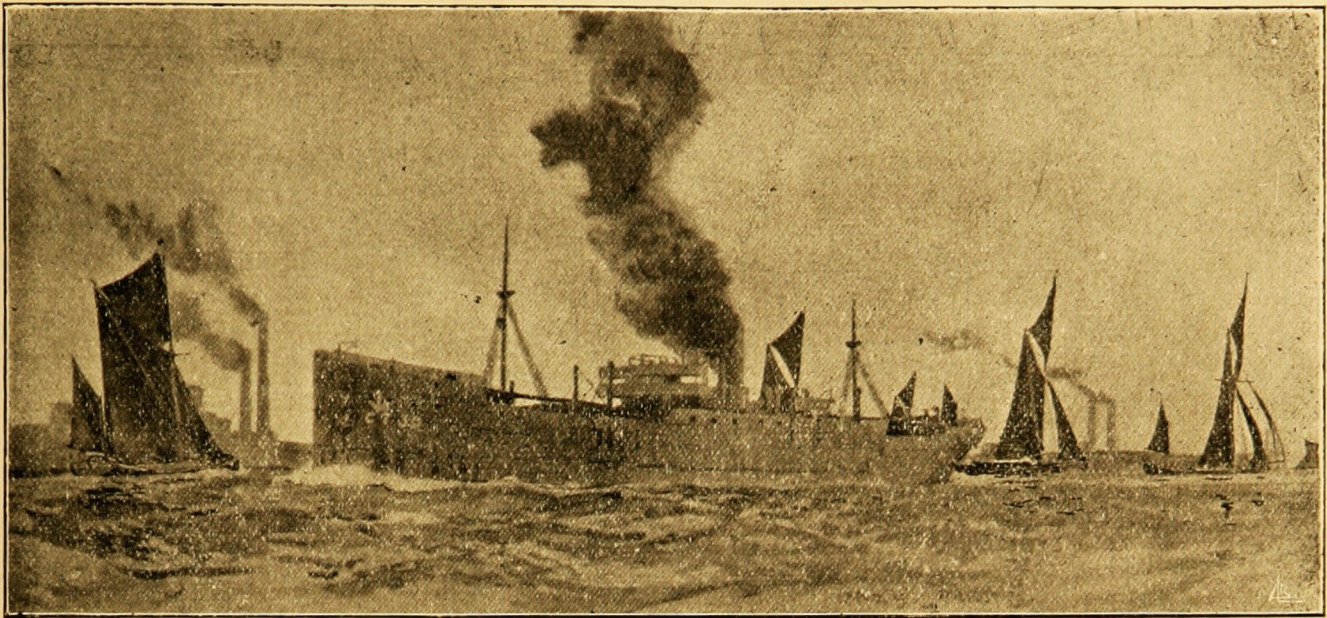
Tres velhos que não podendo ir defender a sua Patria, por causa da sua avançada idade, concorrem, tomando acções do governo francez, sacrificando assim as suas economias.

A LUCTA NOS ALPES

1—*Uma aldeia situada n'um pittoresco valle dos Alpes é totalmente destruido pelos austro-hungaros, durante a offensiva italiana.*

2—*A base de guerra austriaca nos Balkans. Ao fundo vê-se a estrada que conduz ao Montenegro.*





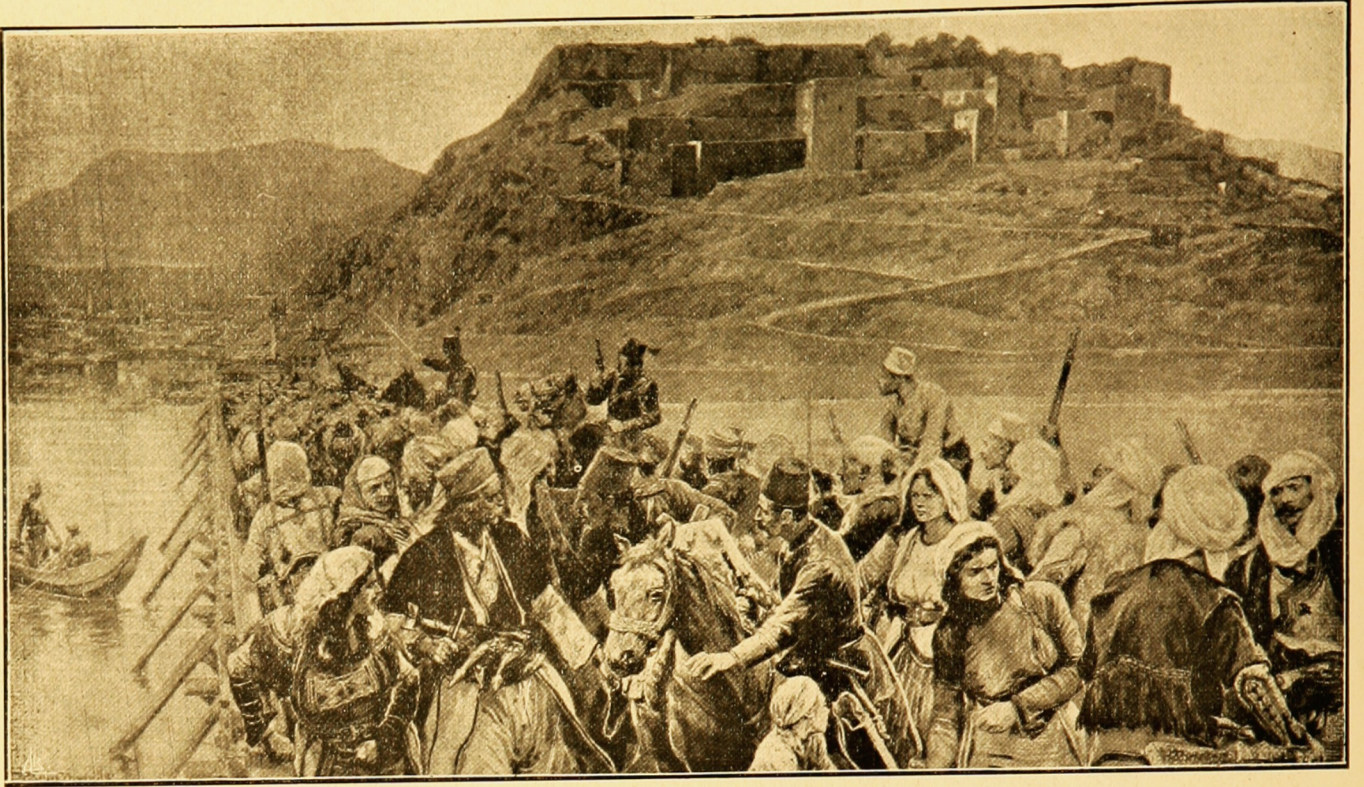
UMA PRESA UTIL—O navio de carga allemão 'Interned', capturado ultimamente por um submarino inglez, e que é hoje utilizado pelos captores na destruição das minas submarinas



Um guarda avançada no seu posto



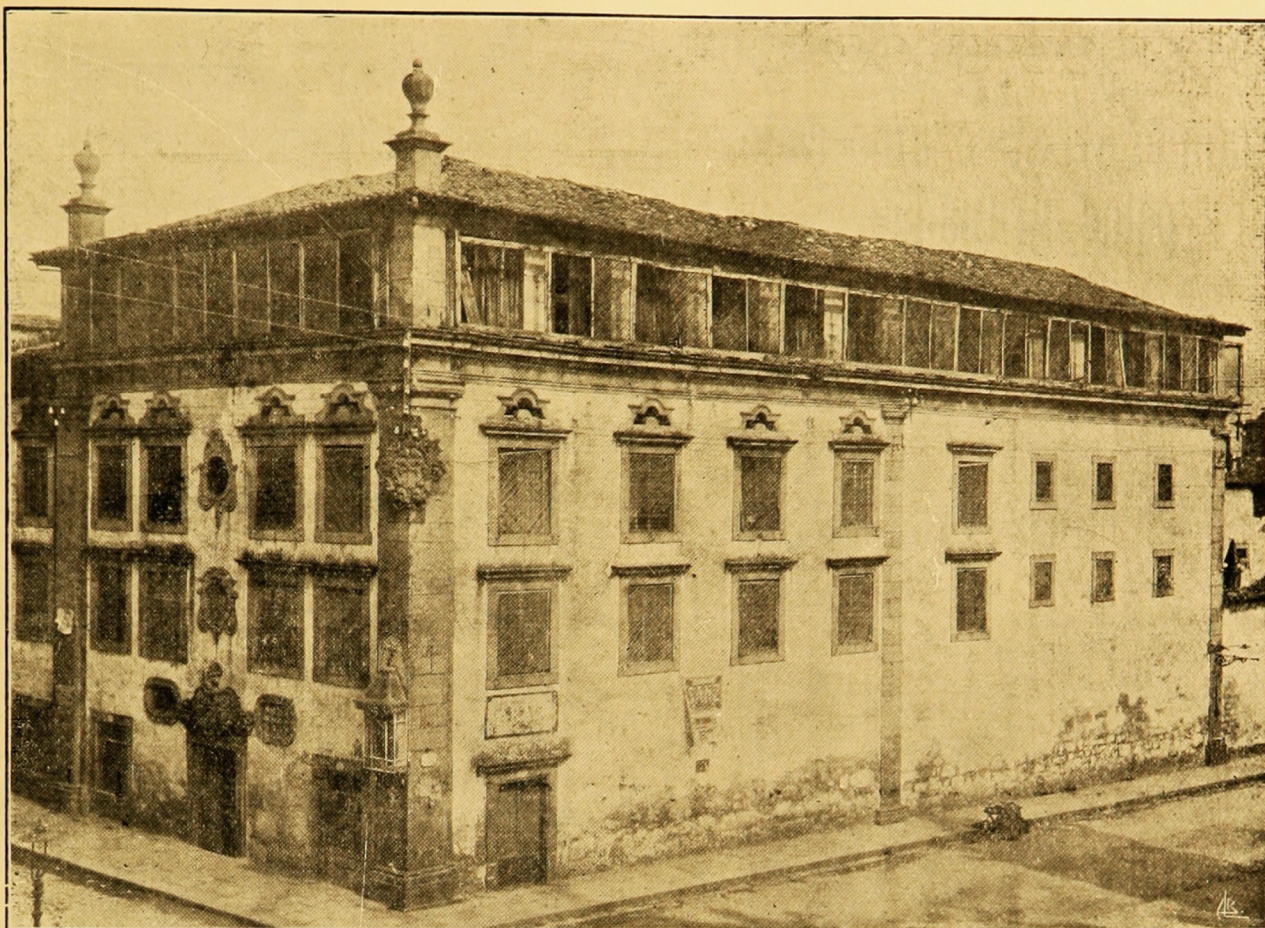
NO ESTE DA AFRICA—Saisa. Os soldados africanos abrindo trincheiras debaixo do commando de officiaes inglezes e belgas



SKUTARÍ, CAPITAL DA SERVIA—Os servios são expulsos d'aquella cidade assim como quando os turcos a tomaram em 1912

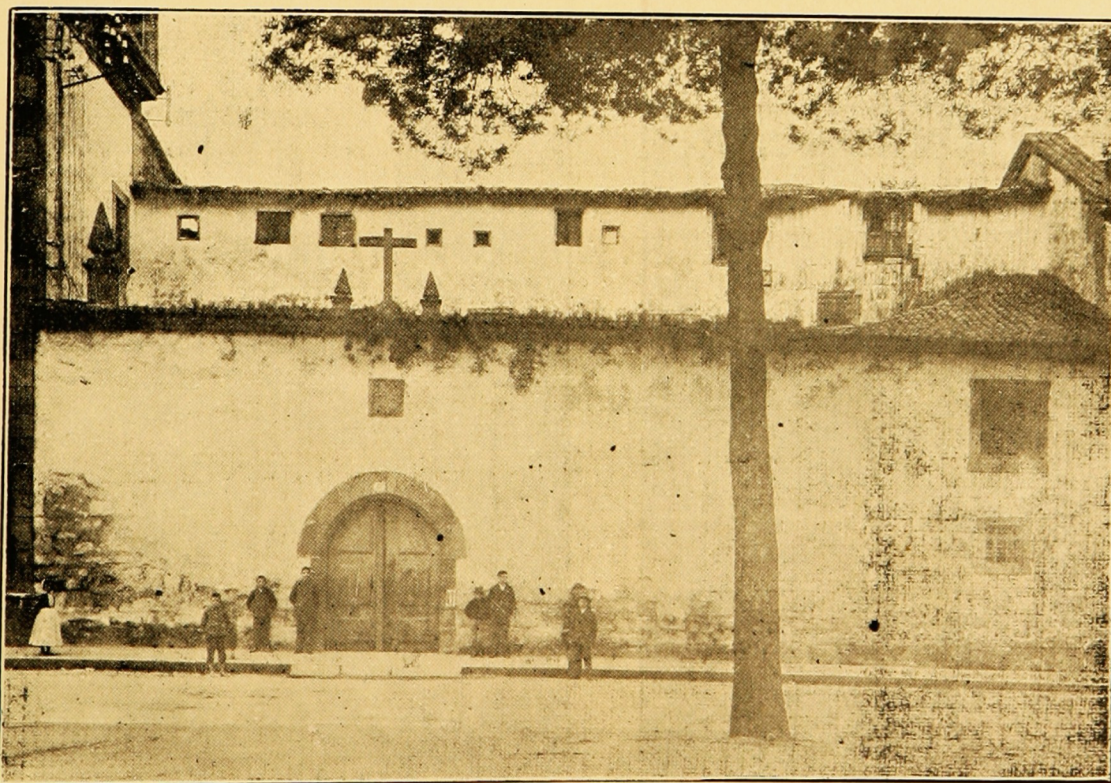


Centro de meza. (Projecto em barro por Julio Va. Junior)



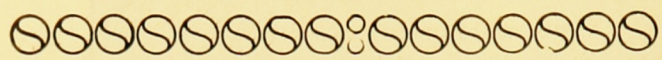
BRAGA ANTIGA

Frontaria principal do antigo convento dos Remedios, que ha annos foi demolido. Este convento foi fundado em 1544 por D. Frei André de Torquemada, bispo titular de Dume. A sua igreja era frequentada pelas principaes familias piedosas de Braga

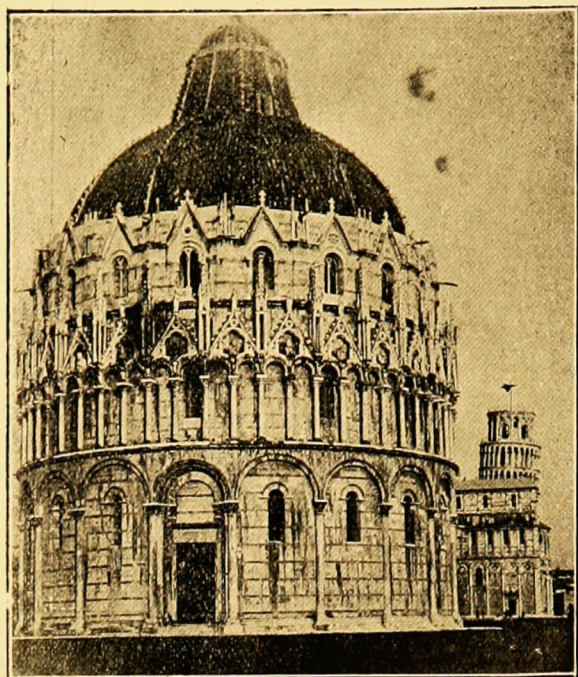


A frontaria e portal do lado oeste

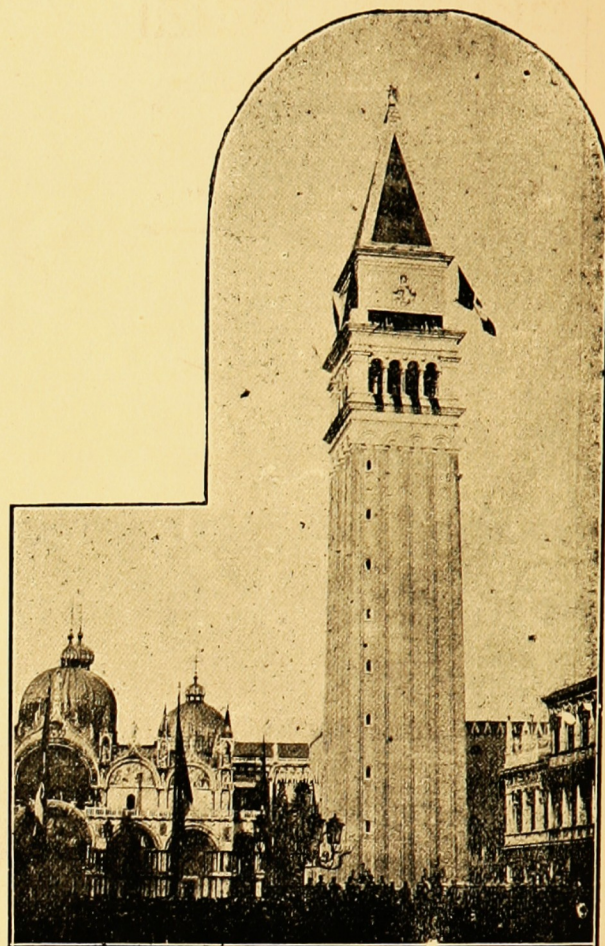
(Photographia Alliança)



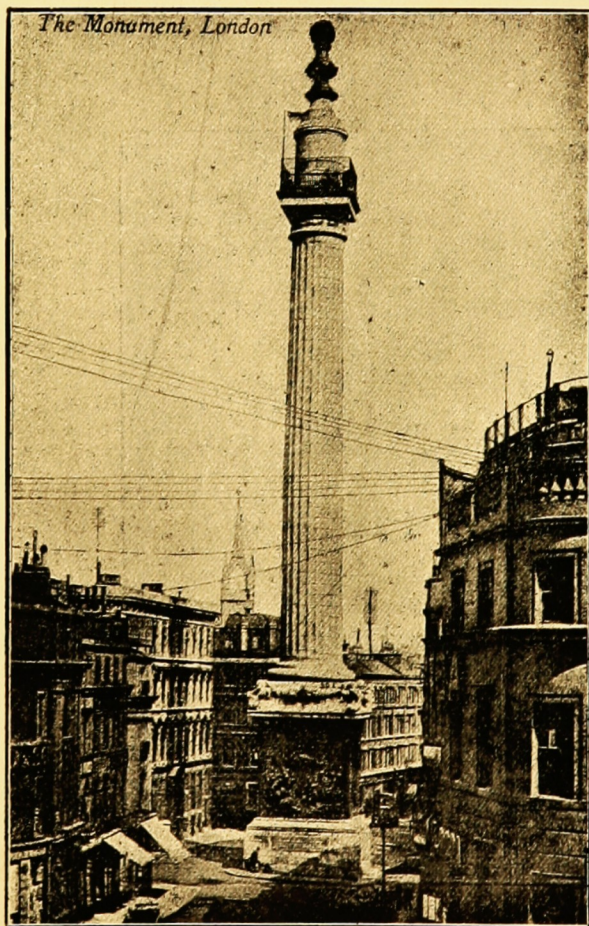
O mundo artistico ameaçado pelas granadas



ITALIA—Baptisterio da Cathedral de Pisa



ITALIA—A historica torre de Veneza



Monumento commemorativo do grande incendio de Londres



LONDRES—Fachada da Cathedral de S. Paulo (protestante)

Bemdito Natal

(CONTO PARA CRIANÇAS)



Vae grande reboiço pela aldeia
Vae grande animação pelos casaes.
Caminham de bem longe para a ceia
Os filhos, a alegrar saudosos paes.

Povoam-se as cosinhas de gulosos,
Os trabalhos pr'a a ceia a embaraçar;
E dos doces, perfumes deliciosos
Sobem no fumo, embalsamando o ar.

São jogos de pinhões interrompidos,
A infancia o repa esquece. ás gargalhadas,
— Para *rapar* o tacho dos mexidos
Ou *tirar* da travessa rabanadas.

Mas no solar de pedras denegridas
De nobres filhos d'algo, que domina
A alegre povoação,
Solta a dôr maternal queixas sentidas,
E sobre um triste pae que a fronte inclina
Pesa a consternação.

De toda a sua prole não existe
Mais que uma pobre filha transparente,
Magrinha, atrophizada,
A quem alquebra a fosse que persiste
E as faces ruborisa a febre ardente
Pela noite esperada.

Tem apenas dez annos (bem amargos!)
A bella e bondosissima Leonor
Tão meiga; tão piedosa!
(Que ao bem a sua dôr não põe embargos!)
E torna-a das virtudes o esplendor
Ainda mais formosa.

Sente que se lhe opprime o coração,
Que o mirra a dôr n'esse festivo dia
Por tantos desejado
A magua denotando e compaixão,
Defem seu olhar que se annuvia,
Fitando o povoado.

Que tens, filha, pergunta a mãe afflicta?
Porque uma lagrima em teus olhos brilha
Já prestes a cahir?
Pede-me o que quizeres, e acredita
Que eu tudo, tudo dava, minha filha,
Para te ver sorrir.

O que me causa esta melancholia,
Responde a doentinha, é ver nevar,
E que anda a trémula e infeliz Luzia
Sempre de porta em porta a mendigar,
A netinha morreu, deixando-a só.
Quanto deve soffrer a triste avó!

Não sabe, minha Mãe, o que eu queria?
Como eu ficava alegre pela ver
Aqui ao pé de mim adormecer,
Entre roupa bem quente e bem macia;
E com a sua cama junto á minha,
Em mim julgando ver sua netinha!

E' noite. E a pobre velha envergonhada,
Cheia de confusão e de surpresa,
Mal sabe como estar á lauta meza,
Entre os nobres fidalgos assentada.

Ao quarto de Leonor é conduzida,
E, pesarosa, não se quer deitar.
De joelhos, não cessa de resar,
Ante o pequeno leito, commovida.

A vida ao Céu implora e a saude
Para a bella açucena que fenece,
A Deus dirige a fervorosa prece,
Prostrando-se em humilima attitude.

Como um balsamo cae sobre a doente
O suave murmurio da oração.
Tem a voz da velhinha esse condão
Que Deus concede ao seu amor ardente

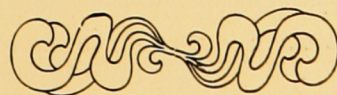
E quando, ao despontar da madrugada,
Pela janella entra ridente o sol,
Julga ver um reflexo do arrebol
Na rosea face da creança amada.

Abandonou-a a tosse e a dyspneia,
A febre já não veio visitá-la,
De mil projectos a Luzia falla
E o seu contentamento patenteia.

E' a nova feliz logo espalhada
E a velha que, bem diz sua vigilia.
Fica fazendo parte da familia,
Por todos como santa venerada.

Natal de 1915.

ELVIRA NEVES PEREIRA.



Anecdotas e historicas

Ditos e pensamentos



DAMOCLES, intimo amigo do tyranno Dionysio, invejou-lhe a felicidade.

Queres tu, disse-lhe o rei, que te faça gozar da minha felicidade por um dia?

Damocle accitou gostosamente. Dionysio ordenou que o tratassem como a elle proprio, que o servissem á meza com toda a sumptuosidade e magnificencia. Porém, ao mesmo tempo fez pendurar do tecto, mesmo por cima da cabeça de Damocles, uma espada segura por um fio. Damocles, apenas o percebeu deu mostras de inquietação, apressou o jantar, e agradecendo ao tyranno não quiz mais experimentar um estado que tanto ambicionára. Então, Dionysio disse-lhe:

—Eis ahi a nossa vida! E' tão feliz, que rodeada de sentinellas está pendente d'um só fio.

Affonso d'Albuquerque

Falleceu este temido e famoso general e estadista a bordo do navio que o devia conduzir a Gôa, aos 16 de dezembro de 1515, com 62 annos de idade. Sua gravidade e inteireza lhe grangearam inimigos, que o sacrificaram. Foram provas d'essas calumnias as ultimas palavras que proferia ao expirar:

—Mal com os homens por amor d'el-rei, e mal com el-rei por amor dos homens, bom é acabar.

Um valido

D. João II, quando principe, teve por valido a Nuno Pereira de Lacerda, que abusando dos seus verdes annos e da amizade que lhe tinha, viu satisfeita a promessa d'um alvará a D. João II e que, rasgando-o, disse-lhe severamente:

—Maior mercê te faço rasgando este alvará do que te faria se o cumprisse.

Resposta de portuguez

Determinou D. Sebastião avistar-se com seu tio, o rei de Castella, para o ouvir sobre o louco empreendimento de se passar a Africa com o luzido exercito que succumbiu em Alcacerquibir.

Para ajustarem esta conferencia encontra-

ram-se o duque de Alva e o conde de Redondo. O duque, que era soberbão quiz saber, que fidalgos acompanhavam o rei portuguez, pois com D. Filippe *vinha elle e outros como elle!*

O conde de Redondo não demorou a resposta:

—Com el-rei, meu senhor, vem o duque de Bragança, e de Aveiro, e o marquez de Villa Real; e fidalgos rasos como eu e vós vêem muitos.

João de Sá

João Rodrigues de Sá e Menezes, conde de Penaguião, camareiro-mór e conselheiro de Estado de D. João IV, estando doente no convento de S. Francisco de Elvas, no anno de 1658, ao tempo que o general hespanhol D. Luiz de Haro citiou aquella cidade e sendo instado a retirar-se, respondeu:

—Não farei tão perto da morte o que não aprendi em toda a vida.

Pediu a espada e acabou aos golpes dos inimigos.

Paulo Parada

Paulo Parada naseu no Alemtejo e nunca disse da sua origem senão que era portuguez e limpo, que tinha as suas provanças escriptas na folha da sua espada. Subiu na guerra de Flandres por todos os postos, até mestre de campo general. Indo uma vez á côrte de Madrid, abriu-lhe o estribo, ao chegar ao paço, um grande de Hespanha que, estando com outros quiz mostrar quanto estimava um general com quem tinha servido em Flandres. Parada, pouco costumado aos cumprimentos da côrte não deu mais attenção a este grande que aos outros, o que fez dizer áquelle:

—Quando cuidou o senhor Paulo de Parada que o duque de *** lhe havia de abrir o estribo á porta do palacio de Madrid?

Respondeu logo o rude pelejador:

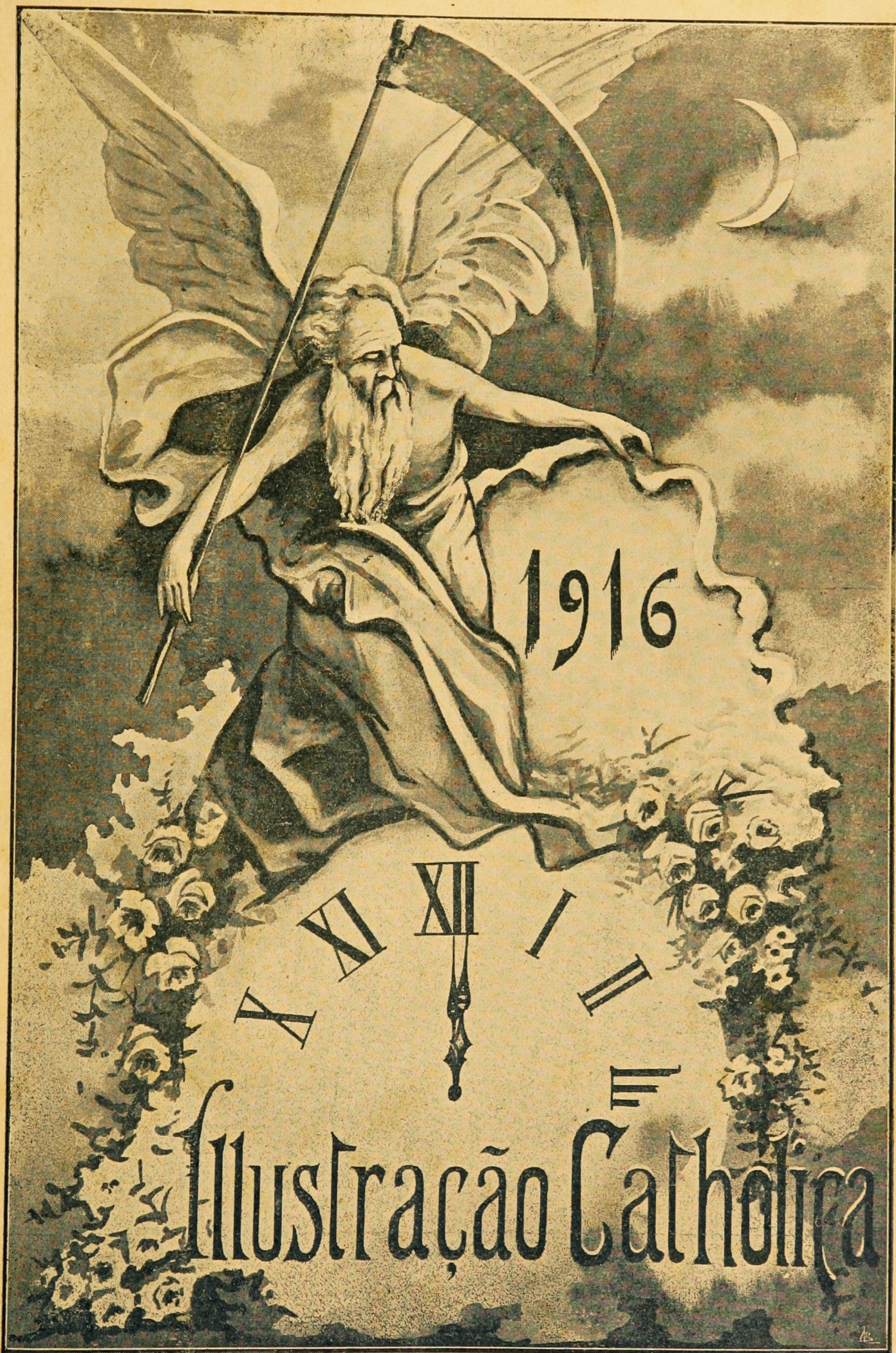
—Desde o dia que assentei praça o tive por infallivel.

* * *

Amor que está firme com a presença da pessoa amada se aviva.—*Quinto Curcio.*

Cegos são os juizos dos que amam.—*S. Jeronymo.*

TITO FLAVIO.



Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e T. cha Religiosa, em madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

Peçam o nosso catalogo illustrado com 143 gravuras. (Pede-se uma visita ás nossas officinas e depositos de vendas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições
Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas congeneres no estrangeiro
Depositos de imagens, oratorios, castiças, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos

Specimen de uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

PORTO — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63

GUARDA = Representante e depositario — CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado